

"O Globo" - 23. 5. 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

A CASINHA

— NÓS ESTAMOS só nivelando, doutor!

Durante muitos anos sonhei em fazer uma casa aqui, nesta elevação junto do mar, nesta praia de Marataises, Estado do Espírito Santo. Há anos mandei fazer um muro; depois meu filho plantou coqueiros, e meu compadre Joaquim Capixaba, amendoeirias e cajueiros. Soube mais tarde que estavam tirando pedra junto de meu terreno. Agora venho ver: entre o meu muro e o mar abriu-se uma pedreira em que trabalham 15 a 20 maratimbas — é assim que chamamos os pescadores da terra — aproveitando êsses dias de vento sudoeste, em que ninguém pesca.

— Vocês estão fazendo é oca de badejo e garoupa.

Vou até à Barra, encontro lá o Prefeito da Vila e o homem da Capitania dos Portos. Eles me acompanham gentilmente na volta. Sinto-me antipático, apoiado por duas autoridades. O trabalho é suspenso; os homens se desculpam, humildes; tenho de interferir para que eles possam levar as pedras que já arrebentaram. Mas a minha futura, minha longamente sonhada casinha não dá mais para o mar: dá para um buraco. Mais adiante alguém conseguiu licença — ou não conseguiu e fêz assim mesmo — para construir duas casinhas no local onde deveria passar a rua. Requereu ao Domínio da União; a Capitania apenas informa que não há impedimento do ponto-de-vista militar ou da pesca; a Prefeitura entende que, sendo êsses terrenos de Marinha, nada tem a ver com a coisa — ou sei lá o que entendeu ou não entendeu o Prefeito da ocasião; o mais provável é que não tenha tomado conhecimento de nada. Marataises cresce em desordem, ao sabor da especulação e do abuso; há trechos em que as casas se amontoam de tal maneira que é difícil saber onde se pretende que seja a rua. E agora estão dinamitando as pedras junto do mar...

Desisto de minha casa. O homem da Capitania se queixa: não tem nenhuma viatura, como pode trabalhar? Negam-lhe tôdas as verbas e meios de ação. Agora mesmo sabe que estão destruindo um mangue lá para o Norte, não tem meios de ir lá... O Prefeito não diz nada. Nem eu. Tanto trabalho que deu para acertar os documentos dêsse terreno, inventário, complicações; tanto sonho que fiz em um dia morar, talvez morrer aqui, neste alto entre duas prainhas, onde pela primeira vez, ainda menino, eu vi o mar...

— O rio ainda muito sujo, mas já baixou bem. Não chovendo, é capaz de amanhã ou depois já se poder pescar robalo...

O melhor é pensar em outra coisa.